

Artigo recebido em

14/09/2014

Aprovado em

27/10/2014

TATIANE HILGEMBERG
FIGUEIREDO

Uerj – tatiانهilgemberg@
gmail.com

Doutorando em

Comunicação pela

Universidade do Estado

do Rio de Janeiro, Bolsista

Capes, Mestre em Ciências

da Comunicação pela

Universidade do Porto/

Portugal e Membro do

Laboratório de Estudos em

Mídia e Esporte (LEME).

Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos de 2012¹

Tatiane Hilgemberg Figueiredo

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as narrativas culturais (fotografias e legendas) do site Globoesporte.com durante os Jogos Paralímpicos de 2012, a fim de determinar a representação social da mulher atleta com deficiência; levando em consideração que o esporte, como prática social moderna, foi construído como masculino, e que à atleta paralímpica associa-se o estereótipo triplo: mulher, com deficiência, assexuada. Adotamos uma metodologia composta de análise de conteúdo e análise estatística dos dados quantitativos. Os resultados obtidos nos levam a concluir que as atletas são representadas de forma a corresponderem ao típico ideal feminino, contudo ocupando um lugar diferente, na mídia escolhida, das atletas sem deficiência.

Palavras-chave

Gênero, Mídia, Esporte Paralímpico.

Abstract

This paper aims to analyse the cultural narratives (photographs and captions) published at the website Globoesporte.com during the Paralympic Games 2012, to determine the social representation of the female athlete with disability; taking into account that sports, as a modern social practice, was built as male, and that to the female athlete with disability is associated a triple stereotype: woman, with disability, sexless. We adopted a methodology composed by content analysis and statistic analysis. The results led us to conclude that the athletes are represented in a typical female ideal, however, they occupy a different place, at the chosen media, of the athletes without disability.

Keywords

Gender, Media, Paralympic Sports.

Estudos em Jornalismo
e Mídia

Vol. 11 Nº 2

Julho a Dezembro de
2014

ISSNe 1984-6924

484

1- Versão modificada de artigo publicado no VI Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

Muitos, tentados pela força dos meios de comunicação, tendem a crer que a mídia domina o mundo, no entanto ela apenas sugere e gera, sim, uma grande influência sobre sua audiência. Os meios são um sistema que se insere entre a opinião do público e o calendário midiático.

Vislumbramos daí as funções sociais da imprensa como serviço: informação, entretenimento, psicoterapia e inclusão social. Albert (2001, apud REICHHART E MYAZHIOM, 2012) enfatiza o papel psicoterapêutico e aponta que a quarta função, a inclusão social, leva à integração do indivíduo ao corpo social. O contato com conteúdo dos meios de comunicação oferece uma forma de diálogo que abre portas invisíveis para o mundo, auxiliando o indivíduo em seu sentimento de pertença, fortalecendo sua conexão a diversos grupos.

Os meios de comunicação desempenham um papel importante no processo de socialização, considerando o conceito de socialização descrito por Wright (1968, p. 105) como o “(...) processo pelo qual o indivíduo adquire a cultura do seu grupo e interioriza suas normas sociais, fazendo com que seu comportamento leve em conta as expectativas dos outros”. Assim, podemos afirmar que a mídia difunde valores, ideologias e crenças das quais emergem representações sociais acerca de determinados grupos. Da mesma forma com o esporte que é um dos grandes campos de socialização, mas também um poderoso instrumento de difusão de normas e valores destinados a manter o status quo.

Como elemento na formação da

opinião pública, a mídia também tem um importante efeito em como o esporte se desenvolve e é praticado (vide as mudanças de regras em alguns esportes por conta das transmissões televisivas). Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação. Assim é fácil notarmos que ‘o que’ a mídia cobre e ‘como’ realiza essa cobertura e trata os participantes em cada esporte podem ser questões que criam barreiras devido a estereótipos, trivialização e sub-representação. Essas barreiras nos meios tendem a ser resultado de dois aspectos: a quantidade de cobertura e a representação de esportes e atletas (BERNSTEIN, 2002; PEDERSEN, 2002).

Os atletas com deficiência, por exemplo, são retratados de forma diferente, e muitas vezes são ignorados, o jornalismo esportivo geralmente age como se o esporte adaptado não fosse legitimado e competitivo. Não obstante o seu potencial, o histórico de atuação da mídia em termos das representações e discursos adotados referentes à pessoa com deficiência, não raro, apenas replica os preconceitos e estereótipos sociais.

Neste artigo iremos ainda mais fundo nas discussões acerca de estereótipos, uma vez que analisaremos as narrativas culturais (fotografias e legendas) do site Globoesporte.com durante os Jogos Paralímpicos de 2012, a fim de determinar a representação social da mulher atleta com deficiência, ou seja, iremos trabalhar com o duplo estereótipo: mulher e deficiência.

Esporte no masculino

Ao percorrermos a literatura sobre as mulheres no esporte percebemos que apesar do título de democrático e democratizador, o esporte, como prática

social moderna, foi construído como masculino, gerando uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão também nesta prática. Essa história faz parte dos movimentos femininos desde meados do século XIX, que propõem pautas de lutas sociais por igualdade em relação aos homens, questionando as noções, até aquele momento muito difundidas, de domesticidade e inferioridade femininas numa "(...) arena importante de disputas sobre quem controla e quem decide o que os corpos femininos podem ou devem fazer" (ADELMAN, 2004, p. 33). Assim sendo, é de consenso geral que a trajetória da mulher na sociedade sempre foi marcada pela discriminação.

Diferenças sexuais continuam sendo pretexto para impor relações hierárquicas que apontam a supremacia e dominação do homem aliada à subordinação da mulher. Essa relação de gênero é encontrada em todas as classes sociais, em diferentes grupos étnicos e se reproduz a cada geração. (...) [O] dia-a-dia do ser homem e ser mulher se define por meio de práticas sociais das quais emerge o poder de um sexo sobre o outro. (ROMERO, 2004, p. 104).

Podemos notar que o esporte também é um fenômeno generificador que auxilia na construção da ordem de gênero vigente. Enquanto instituição generificada, sua estrutura e valores (regras, organização formal, composição sexual, etc.) espelham concepções dominantes de masculinidade e feminilidade (KNIJNIK, 2004). As condições de acesso e participação das mulheres no esporte, quando comparadas às dos homens, nem sempre foram iguais, seja no campo das práticas corporais e esportivas, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física

escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, e na administração e gestão (GOMES, 2004).

Diversos estudos, (KOIVULA, 1999; LENSKYJ, 1998; TOOHEY, 1997) apontam que a mídia esportiva desempenha um papel fundamental na construção e perpetuação da desigualdade de gênero. Por exemplo, os narradores geralmente referem-se às mulheres como senhoras, o que as representa como delicadas, ou meninas o que as infantiliza. Por outro lado, dificilmente referem-se aos homens por senhores ou meninos. Uma pesquisa feita por Lenskyj (1998) sobre a mídia esportiva concluiu que o envolvimento de mulheres no esporte é marginalizado e trivializado através de imagens e linguagem distorcidas, se não por total omissão.

De acordo com Souza e Knijnik (2007), os estereótipos relacionados à mulher estão indubitavelmente ligados à mídia esportiva, que os reproduz cotidianamente em seus diversos veículos, muitas vezes priorizando aspectos ligados ao gênero àqueles vinculados ao rendimento esportivo. É por intermédio da mídia que os discursos dominantes sobre o que é ser homem, ou mulher, se estabelecem e instituem seu espaço no imaginário coletivo.

A cobertura esportiva de atletas mulheres tende a focalizar os papéis que elas desempenham como esposa, mãe, ou como modelo de feminilidade, colocando em segundo plano suas conquistas no esporte. Ainda segundo aquele autor, esta atitude faz com que os meios de comunicação perpetuem estereótipos e estigmas associados à feminilidade ao invés de ser um mecanismo de mudança.

Daddario (1992), por sua vez, concluiu que o uso de adjetivos e frases estereotipadas e de conotação negativa, pela mídia esportiva, tem o objetivo de reduzir as realizações das mulheres. O único estudo que contraria essas conclusões foi realizado por Eastman e Billings (2000) acerca da utilização de adjetivos descritivos nas transmissões televisivas, em que eles concluíram que havia uma igualdade entre os gêneros. Ao contrário dos resultados do estudo de Daddario, os tipos de caracterização e o vocabulário utilizado para representar ações, habilidades e personalidade dos atletas de ambos os sexos foi muito parecida na cobertura televisiva das Olimpíadas. O único discurso estereotipado encontrava-se na maior frequência de referências ao visual da mulher em comparação ao homem. (EASTMAN e BILLINGS, 2000).

As imagens da atleta com deficiência

O esporte tem sido associado ao corpo atlético masculino, sendo que o corpo atlético ideal é visto como um corpo forte e capaz, sem deficiências e danos (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002). As imagens e ideias associadas a este corpo e seus atributos são a força, habilidade, resistência e velocidade. Hargreaves (2000) afirma que as pessoas com deficiência são identificadas, julgadas e representadas em primeiro lugar através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Qualquer um que não se enquadre na descrição de corpo atlético ideal é marginalizado ou tratado como “outro” no esporte. Schantz e Gilbert (2001) sugerem que as atletas com deficiência estão e são sujeitas a uma tripla discriminação, uma vez que, em

geral, não se enquadram na perspectiva da fisicalidade, ou seja, à representação social de corpo atlético ideal; não correspondem à ideia de masculinidade, identificada por características como agressividade, independência, força e coragem; nem pela sexualidade, definida como uma visão socialmente esperada e aceita de comportamento sexual.

É inegável que a cobertura esportiva midiática de atletas com deficiência e mulheres tem melhorado ao longo dos anos (HILGEMBERG, 2010), contudo tanto mulheres quanto atletas com deficiência continuam a ser tratadas de forma diferente.

Nosso estudo centra-se em narrativas culturais (fotografias e legendas) do site Globoesporte.com durante os Jogos Paralímpicos de 2012, a fim de determinar a representação das atletas, refletidas tanto na quantidade quanto no tipo de representação fotográfica. A questão que nos guia nesta investigação é: Como são representadas as atletas paralímpicas na mídia escolhida, e se há paralelo com a cobertura de atletas sem deficiência.

As imagens, no nosso caso as fotografias midiáticas, são discursos sociais e constructos culturais, analisá-las juntamente com o texto que as delimita (legenda) irá nos auxiliar no entendimento da construção do acontecimento (BARTHES, 1989). A fotografia jornalística não é apenas um registro natural, há um conjunto de decisões formais envolvidas ao se registrar um evento, como por exemplo, o uso de diferentes tipos de lentes, o ângulo, o enquadramento e outros que nos mostram também as decisões editoriais. Ou seja, “São construções mentais, possibilitadas pela percepção dos objetos contidos nos mundos

físico, social e cultural” (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2011, p. 659). Essas imagens são, da mesma forma, resultados da maneira com que percebemos a vida social e estão embebidas de conceitos com o intuito de direcionar o receptor para determinado comportamento ou leitura (FLUSSER, 1985). Quando as fotografias são “construídas” e veiculadas, são enquadradas através de ideologias. Quem está enquadrado, quem não está, e como são apresentados expõe importantes mensagens ao consumidor.

Adelman (2003), nesse contexto, diz que a representação das atletas na mídia, indica que essas imagens culturais, com todo o fascínio e poder que exercem sobre o imaginário social, constituem um importante espaço de produção discursiva sobre a feminilidade, que apresentam contradições e ambiguidades. Essas imagens são mediações entre o homem e o mundo, ou seja, as imagens têm como objetivo representar o mundo (FLUSSER, 1985) de acordo com determinadas lentes.

Juntamente com o fato da subrepresentação das mulheres atletas, esse artigo traz uma complexidade ainda maior, a mulher com deficiência. Como mencionado acima esta atleta tem associado a ela, pelo menos, três estigmas aos quais não consegue corresponder, sendo então triplamente excluída. Atualmente, estudos avançados nos mostram que, por muitos anos, as pessoas com deficiência foram objeto de representação social negativa global. Consequentemente, elas são objetos de uma forma de estigmatização (levando em consideração o conceito de estigma de Goffman, 1963).

A mídia impressa, a televisão, a publicidade e até o cinema foram alvos de inúmeras pesquisas sobre o tratamento

dado às (ou a representação das) pessoas com deficiências, atletas ou não. As conclusões desses estudos revelam a existência de imagens estereotipadas associadas à deficiência, tais como compaixão, admiração, vitimização ou doença (SCHANTZ e GILBERT, 2001).

Método e Corpus

Este estudo visa analisar como as mulheres atletas com deficiência foram representadas durante os Jogos Paralímpicos de 2012. Especificamente, nosso objetivo é examinar as fotografias jornalísticas, e suas respectivas legendas, de mulheres-atletas nos Jogos Paralímpicos de 2012, que reuniram 4.237 atletas, dos quais 2.736 (65%) homens e 1.501 (35%) mulheres (IPC, 2012), de 164 países, participando em 20 esportes diferentes.

A nossa amostra inclui apenas as notícias e reportagens que possuíam fotos de mulheres-atletas, excluindo, portanto, artigos opinativos, cartas ao editor, crônicas e editoriais, publicadas pelo site noticioso Globo.com, durante os 12 dias de evento, de 29 de Agosto a 09 de Setembro de 2012. Iniciamos nossa análise com a seleção, a partir das ferramentas de busca disponibilizadas pelo site acima referido, de todos os textos publicados no período mencionado utilizando as palavras-chave: Jogos Paralímpicos e Paralimpíadas.

Obtivemos 225 resultados, dos quais excluímos os textos que não se enquadravam como notícias ou reportagens, bem como todos os textos que não possuíam fotografias de mulheres-atletas. Ao fim da coleta e seleção obtivemos uma amostra de 52 matérias e 87 fotografias, pois algumas matérias apresentavam mais de uma imagem, pelo que todas foram analisadas.

Realizamos uma análise de conteúdo

utilizando o instrumento categorial adaptado de Lee (2013) que fora baseado nos estudos de Cuneen e Sidwell (1998), Duncan e Sayaovong (1990), Hardin (et al 2001), e Buysse e Borcheding (2010). As categorias utilizadas em nosso estudo são:

a) Ângulo da Fotografia – foi codificado como ‘Plano Geral’ no qual o corpo inteiro da atleta é mostrado; ‘Plano Médio’ apresentando o corpo da cintura para cima; ‘Plano Americano’ em que o corpo é mostrado do joelho para cima; ‘Close’, ângulo no qual somente o rosto ou cabeça da atleta é mostrado; ‘Plano Detalhe’ que apresenta foco em algum detalhe da imagem ou foca em uma parte específica do corpo da atleta;

b) Composição da Fotografia – foi codificado como ‘Uniforme com Ação’, ou seja, a atleta vestia o uniforme da seleção nacional e foi fotografada em um momento de competição; ‘Uniforme sem Ação’, a atleta vestia o uniforme da seleção, mas fora do momento de competição, podendo estar em premiação, ou em pose para a câmera; ‘Pose’, a atleta estava sem o uniforme competitivo e posa para a câmera;

c) Tema: esta categoria foi codificada através da análise da fotografia em conjunto com a legenda apresentada, nesse sentido as subcategorias encontradas foram: ‘Competição’

(no qual se inserem informações sobre treinamento, expectativas, performance, resultados, abertura do evento, bastidores, estreias, etc.); ‘Deficiência’ (no qual observamos as histórias de vida das atletas, apresentação de atletas, características físicas e/ou psicológicas, entre outras); ‘Triunfo’ (informações sobre premiação e comemoração); ‘Indefinido’ (quando a foto não apresentou legenda não nos foi possível definir o tema);

d) Tipo de esporte – categoria que abrange os 20 esportes em competição (Bocha, Ciclismo, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Judô, Levantamento de peso, Remo, Tiro, Natação, Tênis de mesa, Vôlei sentado, Basquete em Cadeira de Rodas, Rugby em Cadeira de Rodas, Tênis, Atletismo, Esgrima em Cadeira de Rodas, Hipismo, Tiro com arco);

e) Apresentação da Deficiência: nesta categoria observamos se a deficiência era visível ou invisível na fotografia;

f) Tipo de Deficiência – no caso de a deficiência ser visível descrevemos qual a deficiência da atleta.

A partir da codificação utilizamos estatística descritiva, com o auxílio de um consultor, a fim de analisar quantitativamente os dados.

Resultados

A primeira categoria de análise, conforme descrito na metodologia, foi o ângulo da fotografia. Metade das fotografias apresentaram as atletas em plano médio, ou seja, da cintura para cima, e uma porcentagem de 36% das fotografias enquadravam todo o corpo da atleta (TAB. 1).

TABELA 1
Ângulo da Fotografia

	Frequência	Porcentagem
Plano Geral	31	36%
Plano Médio	43	50%
Plano Americano	5	5,8%
Close	4	4,7%
Plano Detalhe	3	3,5%

FIGURA 1 Fotografia em Plano Médio

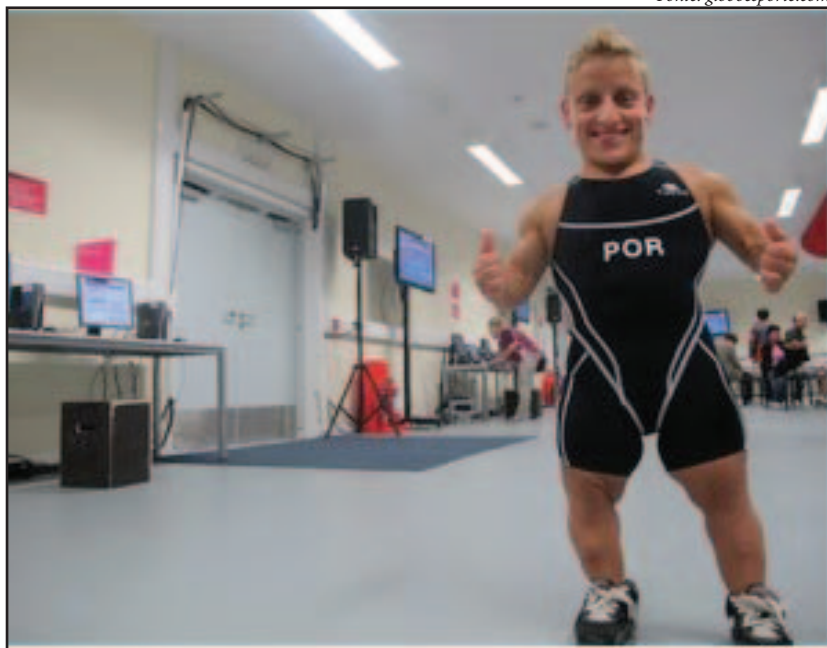
Fonte: globoesporte.com



Bruninha quer competir nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, no Rio (foto: Reuters)

FIGURA 2
Fotografia em Plano Geral

Fonte: globoesporte.com



Simone Frago exibe sorriso estampado no rosto (Foto: Cahê Mota/ Globoesporte.com)

Muitos autores afirmam que quando as mulheres atletas com deficiência são retratadas pela mídia, na maioria das vezes seus rostos são enquadrados, ao contrário das atletas sem deficiência às quais têm o corpo todo representado. Schantz (2001) e Lachal (1990), por exemplo, concluíram que existe certa tendência na mídia a deserotizar o corpo da atleta com deficiência. Nosso estudo, no entanto, revela o contrário, ou seja, as fotografias analisadas mostram partes do corpo da mulher, que de acordo com Duncan (1990) denotam dimensão sexual, como áreas genitais, quadris, seios, pernas, etc., visto que apenas 4,7% das fotografias focaram o rosto da atleta, enquanto 91,8% mostraram boa parte do corpo feminino (Plano Geral+Plano Médio+Plano Americano).

Tal fato pode ser explicado através da análise da categoria Apresentação da Deficiência, uma vez que em 58,1% das fotografias a deficiência estava invisível. Isso significa que apesar de a esmagadora maioria das imagens analisadas

apresentarem a atleta da cintura para cima ou o corpo todo, a deficiência ainda assim ficava escondida. Schantz e Gilbert (2001) analisaram oito jornais impressos na França e na Alemanha durante do período dos Jogos Paralímpicos de Atlanta 1996, seus resultados mostraram, entre outros, que a cobertura fotográfica tendia a esconder a deficiência dos atletas paralímpicos. Buysse e Borchering (2010), por sua vez, analisaram 12 jornais impressos de cinco países durante os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 e chegaram também à conclusão de que a deficiência do atleta era invisível em 61% dos casos, e quando era visível os atletas cadeirantes eram os mais representados, em 46% dos casos. Tal fato também foi verificado em nosso estudo, em que 38,9% das fotografias retratavam cadeirantes (TAB. 2).

FIGURA 3 Deficiência Invisível

Fonte: globoesporte.com



Aos 44 anos, Susana Ribeiro faz sua estreia em Paralimpíadas

FIGURA 4 Deficiência Invisível

Fonte: globoesporte.com



Com duplo-duplo, Lia é o destaque do Brasil na vitória sobre a França (Foto: Luciana Vermell / CPB)

TABELA 2 Deficiências Visíveis

Deficiência	Porcentagem
Atleta Cadeirante	38,9%
Atleta com Deficiência Visual	38,9%
Atleta com Amputação	22,2%

Nosso resultado corresponde com pesquisas anteriores (SCHANTZ e GILBERT, 2001; SCHANTZ e DUNCAN, 1999; THOMAS e SMITH, 2003), que sugerem que o foco em cadeirantes e a invisibilidade da deficiência parecem negar a identidade do atleta e possivelmente reforça as percepções estereotipadas sobre a deficiência e pessoas com deficiência. Ou seja, em geral as fotografias de atletas com deficiência na mídia tendem a esconder a deficiência utilizando angulações diferentes. Além disso, Hardin e Hardin (2003) explicam que o ideal mais próximo de competidor entre atletas com deficiência é o cadeirante, evidenciando que a sociedade sente-se mais a vontade diante desse tipo de deficiência.

Observamos também que a deficiência visual aparece com a mesma frequência dos cadeirantes (38,9%). Isso pode ser justificado pela forma como essa deficiência é apresentada, pois a maioria das fotografias de atletas com deficiência visual apresenta-as com máscaras, este é inclusive um dos temas frequentes nas fotografias da atleta Terezinha Guilhermina que normalmente compete com uma máscara colorida e enfeitada. Estes dados também podem ser interpretados em termos das regras

de aceitação social, enquanto algumas deficiências podem ser “exibidas”, outras são escondidas (LACHAL, 2000).

Diversos estudos (DUMITRESCU, 2006; HOOVER-DEMPSEY et al., 1986; HOLLAND, 2004; JONES et al., 1999) apontam que as mulheres atletas são infantilizadas, geralmente representadas expressando emoções (tristeza, decepção, alegria, etc.), e também são sujeitas a uma forma de trivialização na qual os aspectos esportivos como treinos e performances são relegados a segundo plano pela mídia esportiva que foca em aspectos não esportivos como família, dia-a-dia, histórias de vida.

Este ponto da análise apresenta controvérsias. Nosso estudo evidenciou, ao contrário do que a literatura prega, que a maioria das fotografias e legendas estava relacionada à competição em si (64%), enquanto que os assuntos relacionados à deficiência apareceram em 11,6% do material analisado e o triunfo foi encontrado em 12,8% (ficando apenas 11,6% do corpus com tema indefinido pela ausência de legenda) (TAB. 3). Em adição a esses dados, em 50% das fotografias as mulheres atletas foram representadas com uniforme e em ação, e em 48,8% em uniforme sem ação, restando 1,2% para poses, ou seja, 50% em atitude passiva (FIG. 5, 6 e 7).

TABELA 3

Temas

Competição	64%
Triunfo	12,8%
Deficiência	11,6%
Indefinido	11,6%

FIGURA 5

Fotografia de Atleta com Uniforme em Ação

Fonte: globoesporte.com



A brasileira Lia Maria Martins durante o jogo contra a Holanda (Foto: Divulgação / CPB)

FIGURA 6

Fotografia de Atleta com Uniforme sem Ação

Fonte: globoesporte.com



Maria Pomozan (centro) perdeu a medalha de ouro e ficou com a prata após novo resultado (Foto: AP)

FIGURA 7

Ação Fotografia de Atleta em Pose

Fonte: globoesporte.com



Nadadora potiguar Edênia Garcia quer o ouro inédito em Londres (Foto: Arquivo Pessoal)

A controvérsia aparece quando comparamos nossos resultados com diversos outros estudos. Buysse e Borcheding (2010) afirmam em sua pesquisa que as fotos que representam ações apareceram em 32% das fotografias que representavam atletas mulheres, da mesma forma Thomas e Smith (2003) também concluíram a menor tendência das mulheres em serem retratadas em momentos competitivos. Lee (2013) corrobora esses estudos, mostrando que o foco das fotografias de mulheres está em poses, ficando a performance em segundo plano. Contudo Chang e Crossman (2009) ao realizarem uma pesquisa sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2004 notaram que a maior parte das atletas (78%) era representada em fotografias de ação.

Entendemos essas diferenças como fruto dos objetos de pesquisa, cada um dos autores citados realizou seu estudo em um meio diferente (impresso e internet)

e em países diferentes. Sendo o nosso estudo o primeiro a ser realizado no Brasil, não temos meios de realizar uma comparação segura, contudo os dados não negam a paridade entre a cobertura do esporte para pessoas com deficiência e a cobertura do esporte para pessoas sem deficiência, uma vez que os resultados, performances e todas as informações referentes à competição são sempre mais frequentes nesse tipo de cobertura. No entanto, ao mesmo tempo notamos que a representação visual da atleta fica dividida em 50% fotos passivas e 50% fotos ativas (em momento de competição).

Ao analisar os resultados referentes aos diferentes tipos de esportes em disputa nos Jogos Paralímpicos de 2012, observamos que 11 dos 20 esportes foram mencionados (lembrando que em alguns esportes como o Futebol de 5 e o Futebol de 7 haviam apenas representantes masculinos) (TAB. 4).

TABELA 4

Tipos de Esporte

	Frequência	Porcentagem
Atletismo	14	16,3%
Judô	10	11,6%
Tênis de Mesa	9	10,5%
Natação	9	10,5%
Vôlei Sentado	9	10,5%
Basquete	6	7%
Tênis em Cadeira de Rodas	4	4,7%
Goalball	3	3,5%
Remo	2	2,3%
Tiro	1	1,2%
Levantamento de Peso	1	1,2%
Não identificado	18	20,9%

É importante notar que o Atletismo juntamente com a Natação foram os esportes com maior número de medalhistas brasileiros, contudo o Tênis de Mesa que aparece entre os esportes mais presentes conquistou apenas uma medalha de bronze, evidenciando que apesar de os esportes com maior número de medalhas serem também aqueles com maior cobertura, alguns esportes aparecem por apresentarem histórias de vida de “interesse jornalístico”.

Considerações finais

Assim como nos Jogos Olímpicos, nos Jogos Paralímpicos o número de atletas do sexo feminino aumenta a cada edição, contudo a cobertura midiática dada a essas atletas mulheres com deficiência mostra o quanto a sociedade ainda está vinculada a padrões hegemônicos de masculinidade e fisicalidade quando se trata de esporte. A análise de fotografias e suas respectivas legendas foi conduzida a fim de que pudéssemos vislumbrar de que forma as mulheres atletas com deficiência são retratadas pela mídia. As fotos nos revelaram que as atletas são representadas de forma a corresponderem ao típico ideal feminino (de acordo com os indicadores estabelecidos por Duncan, 1990), elas usam maquiagem, joias e penteados mesmo em competição, aspectos que revelam e reforçam sua feminilidade. Contudo observamos que em sua maioria as fotografias tendiam a não revelar a deficiência da atleta, o que, de certa forma, nega sua própria identidade.

Pelo material analisado concluímos que algumas categorias reforçam estereótipos e preconceitos, como o fato de em 58,1% das fotografias a deficiência ser escondida, e quando visível ser em sua maioria

composta por atletas com deficiência visual ou cadeirantes, ou pelo fato de quase metade das fotografias apresentarem a atleta de forma passiva. Acreditamos que em momentos de entrevista, pódio, e em outras ocasiões em que encontramos a atleta retratada de forma passiva, torna-se mais fácil de esconder a deficiência através de diferentes ângulos de fotografia do que em momentos de competição. Quando a deficiência foi apresentada identificamos apenas três tipos, cadeirantes, atletas com deficiência visual e amputadas. De acordo com diversos estudos (HARDIN e HARDIN, 2003; SCHANTZ e GILBERT, 2001; THOMAS e SMITH, 2003) atletas em cadeiras de rodas são os competidores ideais; além disso, atletas com deficiência visual e amputados são mais frequentemente retratados pela mídia impressa reforçando serem estas as deficiências socialmente mais aceitas.

Outras categorias analisadas, no entanto, denotam avanço, principalmente se comparados com os resultados obtidos por estudos conduzidos em países da Europa e Estados Unidos, como no caso de 64% da temática das fotografias estar relacionada à competição em si. Tal fato vai de encontro à ideia de trivialização da cobertura midiática, a grande maioria das legendas analisadas focava o mundo esportivo com pouco espaço para se explorar situações familiares, alusões à vida amorosa, ou questões relacionadas à deficiência da atleta; além de apenas 1,2% das fotos apresentar as atletas fora do ambiente de competição. Tais resultados mostram que essa cobertura não rompe com a estrutura esportiva “convencional”, mas sim se aproxima dela, buscando legitimidade.

Ao retornar a nossa questão de

investigação, não temos, portanto uma resposta definitiva. Como são representadas as atletas paralímpicas na mídia escolhida, e há paralelo com a cobertura de atletas sem deficiência?

O que podemos dizer neste momento é que as atletas com deficiência estão mais inseridas no ambiente competitivo, no que diz respeito a sua representação, mas ocupam um lugar diferente das atletas sem deficiência. Nossas conclusões são preliminares, pois outros estudos precisam ser feitos utilizando outros meios, bem como, uma pesquisa longitudinal para que tenhamos possibilidades de identificar as mudanças ao longo do tempo.

Referências Bibliográficas

- ALDELMAN, M. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. In: III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2004, p.31-37.
- BARTHES, R. A câmara clara. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BUYSSE, J. A. M.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sports Communication*, v. 3, p. 308-321, 2010.
- CHANG, I.; CROSSMAN, J. When there is a will, there is a way: A quantitative comparison of the newspaper coverage of the 2004 summer Paralympic and Olympic Games. *International Journal of Applied Sports Sciences*, v. 2, n. 2, p. 16-34, 2009.
- CUNEEN, J.; SIDWELL, M. J. Gender portrayals in Sports Illustrated for Kids advertisements: A content analysis of prominent and supporting models. *Journal of Sports Management*, v. 12, p. 39-50, 1998.
- DADDARIO, G. Swimming against the tide: Sports Illustrated's imagery of female athletes in a swimsuit world. *Women's Studies in Communication*, 1992, v. 15, n. 1, p. 49-64.
- DEPAUW, K. The (in)visibility of disability: Cultural contexts and "sporting bodies." *Quest*, v. 49, p. 416-430, 1997.
- DUMITRESCU, A. Representation of female athletes in Western and Romanian Media. Florida: Florida State University, 2006.
- DUNCAN, M. C.; SAYAOVONG, A. Photographic Images and gender in Sports Illustrated for Kids. *Play and Culture*, v. 3, p. 91-116, 1990.
- EASTMAN S. T.; BILLINGS, Andrew C. Sportscasting and Sports Reporting: The Power of Gender Bias. *Journal of Sports and Social Issues*, v. 24, n. 2, p. 192-213, Maio 2000.
- FLUSSER, V. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.
- GOMES, P. B. Mulher e desporto: qual a agenda pedagógica do século XX. In: III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2004, p. 17- 28.

- HARDIN, J.; e HARDIN, M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 20 n. 3, p. 246-259, 2003.
- HARDIN, M.; CHANCE, J.; DODD, J.; HARDIN, B. Olympic photo coverage fair to female athletes. *Newspaper Research Journal*, v. 64, p. 64-79, 2002.
- HARGREAVES, J. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. London: Routledge, 1994
- HOLLAND, P. The Politics of the Smile; Soft News and The Sexualization of the Popular Press. In CARTER C.; STEINER L. (Eds.), *Critical Readings, Media and Gender*. Maidenhead: Open University Press, 2004.
- HOOVER-DEMPSEY, K. V.; PLAS, J. M.; WALLSTON, B. S. Tears and weeping among professional women: In search of new understanding. *Psychology of Women Quarterly*, v. 10, p. 19-34, 1986.
- JONES, R.; MURRELL, A. J.; JACKSON, J. Pretty versus powerful in the sports pages: Print media coverage of the US Women's Olympic gold medal winning teams. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 23, p. 183-192, 1999.
- KNIJNIK, J. D. Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo. III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. *Anais... São Paulo: USP*, 2004, p. 63-67.
- KOIVULA, N. Gender Stereotyping in Televised Media Sport Coverage. *Sex Roles*, v. 41, n. 7/8, 1999.
- LEE, M. J. *Images of Athletes with Disabilities: An Analysis of Photographs from the 2012 Paralympic Games*. 2013. 214f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Cinesiologia, Universidade do Alabama, Alabama, 2013.
- LENSKYJ, H. "Inside Sport" or "On the Margins"? Australian Women and the Sport Media. *International Review for the Sociology of Sport*, v.33, n.1, pp.19 a 32, 1998.
- SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper Coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, v. 18, p. 69-94, 2001.
- SIQUEIRA, E. D.; SIQUEIRA, D. C. O. O corpo como imaginário da cidade. *Revista Famecos*, V. 18, n. 3, p. 657-673, 2011.
- SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diário do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, n. 1, p.35-48, Jan./Mar. 2007.
- THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 20, p. 166-181, 2003.